

# sobre tudo

## TUDO ISSO NA ESCOLA

José Carlos da Silveira<sup>1</sup>

Marise da Silveira<sup>2</sup>

Os sonhos se concretizam, a persistência é fundamental, a esperança nos guia e a luta para concretizá-los embala nossos passos. Assim, foi colocando os “pés na estrada”, que em 1999 demos início a um outro olhar sobre o papel discente e docente, por conseguinte, sobre a própria escola como espaço do conhecimento, de trocas e vivências. Distanciando-nos de uma escola fechada em si mesma, estática, sem cores, pensamos: por que não sair algumas vezes da escola e ampliar o sentido da “sala de aula”? Depois retornaríamos contando sobre o que vimos, falamos, ouvimos, sentimos. Foi preciso pensar como fazer isso, pois sair do espaço escolar já era uma prática que desenvolvíamos, mas sentíamos que precisava ser diferente.

O “Pés na estrada” nasceu como um projeto de pesquisa, afinal era preciso estudar e compreender as inquietações que surgiam

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC e Professor de Geografia do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: prof.josecarlos@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em História pela UFRGS e Professora aposentada de História do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: mar\_silver2002@yahoo.com.br

do fazer pedagógico no chão da escola que vivíamos intensamente. No fim dos anos 1990, lecionávamos nas oitavas séries, hoje nonos anos, compartilhando o espaço escolar com jovens, em geral com idade entre 14 e 15 anos, cheios de sonhos, alegrias e vontade de conhecer o mundo. Assim nasceu o projeto “Escola Crítica – aluno pesquisador: uma proposta de estudo do meio”.

Ao passo que dávamos andamento à pesquisa propriamente dita, realizamos o primeiro trabalho pedagógico de campo. Para além dos conteúdos formais próprios do cenário escolar, o que seria significativo vivenciar para a formação crítica dos estudantes naquele contexto? Como tal escolha poderia constituir espaço de diálogo entre os conhecimentos disciplinares e os docentes e discentes? Assim, pensamos que a proposta pedagógica teria uma diretividade com foco em questões sensíveis em nosso país, sobretudo aquelas relacionadas às crianças, jovens, mulheres e homens em processo de lutas, pela terra, pela moradia, pela vida. Naquele momento estávamos convictos que uma formação que se propusesse crítica não poderia dispensar esse olhar sobre a produção da própria vida.

Estudar História, Sociologia, Ciências, Matemática, Arte, Educação Física, Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Geografia e tantos outros conhecimentos, próprios da instituição escolar daquele contexto, deveriam, para além do papel social a eles atribuídos, possibilitar elementos para leituras sobre o mundo. Desse modo, a primeira estrada que tomamos nos levou para o Meio Oeste catarinense, mais precisamente para o município de Fraiburgo, onde pisamos num assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST. A Escola 25 de maio, localizada entre os assentamentos União da Vitória e Vitória da Conquista, foi nosso porto seguro. Amorosamente acolhidos por professores, agricultores familiares e seus filhos e filhas, estudantes do campo, iniciávamos nossa caminhada. Ficamos por dez anos indo, vindo, trocando experiências,

vendo a Escola 25 de maio e toda a comunidade crescerem e se modificarem. Vimos também nossos estudantes aprendendo a ler o mundo sem preconceitos, sensíveis às questões sociais, aprendendo a perceber que é preciso ler nas entrelinhas dos discursos oficiais e em tantos outros quando o tema envolve movimentos sociais.

O ano 2000 nasceu e com ele um outro desafio foi posto. Por mais paradoxal que fosse, era o tempo de “comemoração” dos 500 anos de “descobrimto” do Brasil. O que tínhamos para comemorar? A exploração dos recursos naturais, a escravização de mulheres e homens, a inserção global em uma divisão internacional do trabalho injusta e produtora de profundas desigualdades sociais? Certamente essas questões não poderiam ser comemoradas, mas sim, problematizadas. Lá fomos nós. Nossa estrada agora nos levava para o Estado de Minas Gerais: Ouro Preto, Congonhas, Mariana, Tiradentes, São João del-Rei, Belo Horizonte e mais recentemente Brumadinho. Como dizem os mineiros, um “trem bão” demais. Nesse movimento, nossos objetivos passavam pelo prazer do conhecimento, de estudarmos a nossa história pisando nas mesmas pedras das ruas em que pisaram escravizados, pessoas que conspiraram contra a metrópole portuguesa no século XVIII, reis, mineradores que escavaram montanhas e rios. É como se dividíssemos com eles a responsabilidade de manter viva a memória da nossa história. Nesse movimento compreendíamos o que deveríamos ou não comemorar ou problematizar.

Ante o exposto, acreditamos que é possível compreender como o projeto de pesquisa “Escola Crítica – aluno pesquisador”, ao longo do tempo, passou a ser popularmente conhecido pela comunidade escolar como “Pés na Estrada do Conhecimento” ou ainda “Pés na Estrada”. Desse jeito, ou seja, com o processo de interação com o mundo concreto, entrevistamos a construção do sentimento de sujeito histórico, o fazer a história no dia a dia das vidas simples, de pessoas

que estavam longe das decisões políticas de vulto, assim como nós, mas que construía as tramas sociais, as relações nos embates, nos desdobramentos cotidianos. Estava, como ainda está no horizonte, o anseio que nossos alunos pudessem interagir, pensar, refletir e produzir conhecimento com o cruzamento de relações entre si, e com os sujeitos que vivenciavam ou vivenciaram as realidades que íamos conhecendo.

Em 2007, a equipe de professores envolvida com o Projeto participou de um encontro nacional de Colégios de Aplicação – o **V SICEA** – V Seminário dos Institutos, Colégios e Escolas de Aplicação das Universidades Brasileiras. Durante uma sessão de mesa redonda denominada “O projeto de Iniciação Científica Júnior no Instituto de Aplicação da UERJ IV”, tomamos contato pela primeira vez com a ideia de Iniciação Científica para o Ensino Básico. Com a exposição dos colegas do Rio de Janeiro, sentimos certa identidade com aquele trabalho, porém, particularmente, percebemos que o modelo apresentado não era exatamente o realizado em nosso contexto educativo. No caso do Rio de Janeiro, os estudantes do Ensino Médio, após processo seletivo, eram integrados a um ambiente de pesquisa dentro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) ou em instituições de pesquisa fora da universidade, a fim de acompanharem e colaborarem no andamento de alguma atividade investigativa realizada por profissional pesquisador.

A concepção acerca do envolvimento de estudantes com a pesquisa orientada já fazia parte de nossos propósitos, mas no caso apresentado, as pesquisas que os estudantes iriam de alguma forma acompanhar pareciam se distanciar do universo de discussões próprias da Educação Básica. Outra questão que nos provocou foi o fato de que, no Colégio de Aplicação da UERJ, apenas um grupo de estudantes teria efetivamente garantidas as condições de acesso aquela forma de IC. Nós indagamos, então, como ficariam os demais estudantes? Certamente, a Iniciação Científica Júnior, como programa institucional

semelhante aos desenvolvidos por estudantes dos cursos de graduação, pelos seus objetivos e por sua dinâmica, não atenderia à totalidade do coletivo discente.

Desse modo, a partir daquele evento, reorientamos o trabalho que desenvolvíamos aqui, buscando filiação a uma perspectiva de Iniciação Científica. A noção de “Iniciação Científica”, investida de polissemia, nos instigou a pensá-la na escola não como estabelecida pelos programas oficiais. Pretendíamos um caminho que fortalecesse o compromisso com a consciência crítica dos educandos, na perspectiva da superação do senso comum em relação ao estar no mundo daqueles sujeitos. O foco no potencial crítico-criador dos educandos colocava em jogo, além do estímulo à construção do conhecimento, a participação crítica em seu próprio processo de formação escolar. Tudo isso na escola, encaminhado pelos sujeitos que a (re)pensavam, com acesso democrático a todos(as) os(as) estudantes.

Passaram-se 20 anos. E seguimos com os pés na estrada.